

‘A FERA DAS FERAS DA ESFERA’: UMA POÉTICA DO FUTEBOL NO CANCIONEIRO DE CHICO BUARQUE

‘A FERA DAS FERAS DA ESFERA’: A POETICS OF FOOTBALL IN THE CHICO
BUARQUE’S SONGBOOK

Jhonatan Rodrigues¹

RESUMO: o presente trabalho possui o escopo de analisar canções que compõem o cancionário de Chico Buarque, preconizando a profusa recorrência do tema e/ou da linguagem futebolística, delineando um panorama estético que possibilita a elaboração de uma *Poética do Futebol*. Optou-se por seccionar o trabalho em duas partes distintas: primeiro, recorrendo a dados autobiográficos atinentes ao Chico Buarque, expõe-se as interseções entre música e futebol na vida do Chico, endossando a relevância que o futebol sempre teve em sua existência. Em seguida, avança-se para as análises das canções em que ora vislumbra-se reverberações do futebol na tessitura das composições musicais, ora as canções têm como tema fulcral o próprio futebol. Num nímio cancionário em que despontam mais de 400 canções, auferimos 17 em que o futebol é referenciado; porém, a análise compenetra-se estritamente em 3: *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro* (1969), *O futebol* (1989) e *Jogo de Bola* (2017), composições poéticas que exprimem três perspectivas do eu lírico buarquiano sobre o futebol: enquanto torcedor, enquanto jogador e, por fim, o olhar saudosista do atleta maduro que vive de suas reminiscências sobre o futebol. Como respaldo teórico, recorre-se a estudiosos como Ana Maria Clark (2016) e Humberto Werneck (2006), Regina Zappa (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Poesia; Chico Buarque; Futebol.

ABSTRACT: this article has the scope to analyze songs that compose Chico Buarque’s songbook, endorsing the profuse recurrence of the theme and / or language of soccer, and outlining an aesthetic panorama that allows the elaboration of a *Poetics of Football*. It was decided to divide the work into two distinct parts: first, by using autobiographical data related to Chico Buarque, the intersections between music and football in Chico’s life were exposed, endorsing the relevance of soccer in his life. Then, the analysis of the songs in which there is now a glimpse of reverberations of football in the texture of musical compositions, sometimes the songs have as their central theme the football itself. In a songbook **constituted by** more than 400 songs, we **get selected** 17 in which football is referenced; however, the analysis is strictly understood in 3 of them: *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro* (1969), *O Futebol* (1989) and *Jogo de Bola* (2017), poetic compositions that express three perspectives of the Buarquiano poetic persona on soccer: as a supporter, as a player and, finally, the mature athlete’s nostalgic gaze, who lives on his reminiscences on football. As theoretical support, it is used to scholars like Ana Maria Clark (2016) and Humberto Werneck (2006), Regina Zappa (2011).

KEYWORDS: Poetry; Chico Buarque; Football;

¹ Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. Doutorando em Letras na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: litteraturamimesis@hotmail.com.

1. ‘*Salve o futebol, salve a filosofia*’: Chico Buarque, o jogador que podia ter sido e que não foi

O futebol acima dessas artes todas (música, pintura). Não que eu considere o futebol uma arte superior a essas. Mas há certos momentos de genialidade do futebol, daquela capacidade de improviso, alguns relances que acontecem no futebol, que artista nenhum consegue produzir.

Chico Buarque

Chico Buarque de Holanda é indubitavelmente um dos artistas mais prolíficos do cenário cultural brasileiro. Sua produção artística, heterogênea e proteiforme, estende-se até aos mais variados e diversificados nichos ou gêneros de arte, com ênfase, contudo, nas canções e na literatura. A fim de discernir a ingente pluralidade do fazer artístico de Chico, pensemos, à guisa de exemplo, no vasto cancionário buarquiano, em sua faceta lírica, em que Chico se sobressai como cantor/ compositor: as canções buarquianas abordam uma quantidade exorbitante de assuntos, o que nos permite pensar o cancionário de Chico Buarque como um sistema harmônico e congruente que se ramifica em diversas poéticas, cada uma imbuída de sua própria e singular temática.

Consoante o raciocínio aduzido, é possível supor uma poética do carnaval, de protesto, pensando nas canções que denunciavam a ditadura militar; uma poética da malandragem, uma urbana, outra sentimental, utópica, de crítica social. E, claro, tratando-se de nosso escopo, *uma poética do futebol*. Entre tantos eixos temáticos possíveis, é o que se debruça sobre o futebol que estrutura este trabalho: ensejamos, aqui, demonstrar a profusa recorrência não apenas do futebol, mas da linguagem peculiar ao universo futebolístico que tanto assoma nas canções buarquianas, o que nos avaliza a pensar e propor, no interior do caleidoscópio temático atinente às composições musicais de Chico Buarque, um panorama estético cuja sua especificidade se centra no universo do futebol.

No que tange à figura de Chico Buarque, é interessante ressaltar a tensão existente entre o popular e o erudito. Embora Chico seja associado, ao menos em dias coevos, a uma cultura expressamente erudita, à tradição, isto desde o início de sua carreira, criando uma espécie de grife em torno de seu nome e um inevitável estereótipo de *cult*, Chico Buarque sempre apreciou entretenimentos que normalmente são categorizados como populares e simples, do povo ou da massa². Assim, é “visto como excentricidade o fato de as diversões populares serem as paixões do

² A dualidade existente entre erudição e popular, no que tange à figura de Chico, também é assinalada por Ana Maria: “Se Chico traz em sua obra marcas explícitas da erudição estrangeira que, ao que tudo indica, começou a adquirir bem

‘gênio’ (...) A ‘excentricidade’ de Chico Buarque é gostar do comum” (DELMASCHIO, 2014, p. 15). O apreço pelo jogo de cartas, pela sinuca e, principalmente, pelo futebol tendem a desconstruir a imagética do artista como um indivíduo de gostos excepcionais e que são infensos aos gostos populares. Acrescenta-se a isso a indumentária sempre frugal, simplista e despojada à qual Chico adere, e temos formulada uma antinomia entre o artista Chico Buarque, cuja imagem elitista é uma construção, e o cidadão Francisco Buarque, que corresponde ao que realmente ele é: um homem que gosta de fazer caminhadas, de jogar Paciência e é um fã inveterado de futebol.

O futebol, para Chico, é uma pujante paixão que remonta à sua infância, cuja grande influenciadora fora sua mãe, Maria Amélia, torcedora fanática e obcecada pelo Fluminense—time que viria a ser o de predileção do próprio Chico. Não sendo o pai do Chico, Sérgio Buarque de Holanda, um amante de futebol, era Maria Amélia, com renitente frequência, que levava seus filhos aos estádios, inculcando neles, assim, o prazer pelo futebol. Quanto ao Chico, é possível asseverar que “o futebol sempre foi uma das suas maiores paixões e um de seus assuntos prediletos” (ZAPPA, 2011, p. 405), tornando o esporte parte integrante em sua vida. Em sua infância, “nas ruas do bairro, Chico jogava futebol, tinha seu time. Era o dono da bola, comprava as camisas, mandava nos meninos (...), mas, segundo dizem sua liderança não era autoritária, ele liderava pelo humor” (ZAPPA, 2011, p. 404). Para o Chico pueril, seguir carreira musical não era sequer uma possibilidade ponderada por ele, o que mais desejava era ser jogador de futebol profissional. Em uma breve passagem da biografia *Tantas palavras* (2006), de Humberto Werneck, o autor relata a freme paixão de Chico Buarque pelo futebol, que já havia aflorado em seus tenros doze anos:

Sua fome de bola era insaciável quando, em 1956, foi cursar o primeiro ano ginásial no Colégio Santa Cruz, então um semi-internato de meninos no bairro Alto de Pinheiros. As aulas começavam às 7h20, mas às 6h30 Chico já estava tomando o ônibus com seu amigo Joaquim de Alcântara Machado, na avenida Rebouças, para ter tempo de bater uma bolinha antes da primeira aula. ‘Ele virou músico porque não conseguiu ser jogador’, costuma alfinetá-lo Joaquim. (WERNECK, 2006, p. 18)

O desmesurado prazer e gosto pela *arte* do futebol levou Chico a tentar seguir a tão ensejada carreira profissional algumas vezes durante sua vida. A primeira tentativa foi aviada enquanto Chico

cedo, em incursões à biblioteca do pai, é também notório seu entusiasmo pelo que (aparentemente) seria o mais trivial na nossa realidade, com destaque para o universo futebolístico” (PERES, 2016, p. 89).

ainda era um adolescente, o objetivo era lograr a aprovação num teste promovido pelo Juventus, um pequeno, porém, tradicional clube de São Paulo:

Aí pelos dezesseis anos, abalou-se um dia até o estádio do Juventus, na rua Javari, certo de que num clube pequeno teria mais chance de emplacar. Mas nem chegou a adentrar o gramado: ‘o teste começou a demorar muito’, lembra-se ainda, ‘fui ficando com fome e a porrada no campo comia solta’. (WERNECK, 2006, p. 18)

Chico, então, esperaria mais algum tempo para que pudesse pôr à prova o seu talento no futebol (o que viria a ocorrer, sem sucesso, apenas em 1969, durante o autoexílio em Roma). Foi, também, nesta faixa etária—15, 16 anos—, lá pelos anos 1950, que Chico criaria o *Politheama*³, seu time de futebol de botão, outra paixão que fascinava o jovem Chico Buarque: “Politheama era o time de futebol de botão de Chico, azul e verde, que ele fundou aos 15 anos. Depois foi promovido a time de futebol de verdade” (ZAPPA, 1999, p. 136). A excêntrica ou questionável combinação entre as cores verde e azul, que caracteriza o Politheama, possui relação direta com uma frase habitualmente proferida por um dos professores de Chico Buarque, na sua adolescência: *blue and green should never to be seen*⁴. Sentindo-se desafiado e incitado, o jovem Chico escolhera o azul e o verde como cores oficiais de sua esquadra de futebol de botão. Alguns anos depois, em 1978, o Politheama ampliaria a sua área de atuação: a promoção para o futebol de campo, tendo como sede um campinho no Recreio dos Bandeirantes⁵.

Seguindo a praxe de todo grande clube de futebol, o Politheama também ostenta um hino. No documentário dedicado à longeva e amorosa relação de Chico Buarque com o futebol (*Chico Buarque, o futebol*, 2005), o artista se surpreende, indignado, quando lhe perguntam quem fez o hino do Politheama. Num tom simultaneamente cômico e irônico, ele responde: “Ora, quem fez? Lamartine Babo?!, claro que fui eu!”⁶.

³ Segundo Chico, e considerando, outrossim, a etimologia da palavra, podemos discernir a acepção do termo Politheama como ‘muitos espetáculos’.

⁴ Em tradução direta, a expressão significa algo como ‘azul e verde nunca devem ser vistos’. A expressão assinala uma suposta incompatibilidade entre as cores citadas.

⁵ Nomes insígnies já passaram pelo campo do Politheama, batizado de Centro Recreativo Vinicius de Moraes. Entre eles: Sócrates, Zizinho, Pagão, Zico, Júnior, Leandro, Romário, Nilton Santos, Silva, Ronaldo, Tostão, Pelé e até mesmo o cantor jamaicano Bob Marley. Após os jogos, Chico pedia que os jogadores deixassem ‘sua marca’ para a posteridade, pisando no cimento fresco, uma espécie de calçada da fama do Politheama.

⁶ O hino de Politheama é breve, mas expressivo, com uma melodia empolgante e viciante, salpicado por rimas fluidas, de fácil memorização: “Politheama, Politheama/ O povo clama/ Por você/ Politheama, Politheama/ Cultiva a fama de não perder/ O teu pavilhão/ Tremula sempre de emoção/ Ostenta o galardão/ De clube sempre campeão/ Augusto e varonil/ o nosso time verde-anil/ Dá glórias/ Vitórias/ Pra história do meu Brasil.”

Enfim, todos os dados, os fatos, biográficos aqui expostos convergem harmonicamente em direção ao nosso escopo exordial neste trabalho: ratificar satisfatoriamente a relação de afeto e de paixão existente entre Chico Buarque e o futebol, demonstrando que o apreço e o enlevo pelo esporte encontram sua origem na mais tenra idade de Chico e atravessa toda a sua vida, pois, embora não tenha se tornado jogador profissional, Chico ainda mantém o seu Politeama em atividade e joga periodicamente na sede de seu clube. Sendo assim, é natural que, enquanto compositor e cantor, vejamos reverberações do universo futebolístico na tessitura textual das canções buarquianas, na maioria das vezes, tais reverberações insurgem como um encômio ao esporte depreendido como arte, ao menos sob o olhar apaixonado de Chico Buarque. Partindo dessa premissa, é possível aventar uma poética do futebol no cancionário de Chico Buarque? Quais canções apresentariam alguma alusão ao futebol ou o expõem como temática fulcral em suas letras? No tópico seguinte, citaremos não apenas as canções que resvalam no tema futebol, como preconizaremos especificamente três, por suas características peculiares dentro deste cancionário buarquiano.

2. Futebol é sagrado: Estetização do universo futebolístico no cancionário buarquiano

Por tudo o que se lê a respeito, tem-se a impressão de que, quando se refere a Chico Buarque, o futebol não pode deixar de se intrometer no comentário.

Ana Maria Clark Peres

Em um cancionário que abarca mais de 400 canções, é possível observar a heterogeneidade, a riqueza e a diversidade das canções que Chico Buarque escreveu. No interior desse complexo caleidoscópio de eixos temáticos, ritmos e gêneros musicais que caracteriza o conjunto de canções buarquianas, podemos arrolar e perfilar algumas composições musicais que possuem certa similitude no que concerne ao seu tema: *o universo futebolístico*, tão caro ao próprio Chico Buarque. O futebol, como bem explicitamos antes, é uma paixão fremente na vida do poeta, presente desde sua infância e ainda bastante vigorosa na fase madura de Chico Buarque, assim, não é insólito que ele dedique algumas canções à arte do futebol, como assim Chico o depreende. No entanto, “em mais de uma ocasião, Chico Buarque afirmou que compôs menos canções abordando o futebol do que gostaria de ter feito. Mas a verdade é que, mesmo não sendo tão numerosas, há diversas

composições a respeito” (PERES, 2016, p. 104). Ao observarmos com certa acuidade e esmero todo arcabouço musical de Chico, notamos a possibilidade de propor uma poética do futebol a partir dessas canções buarquianas que abordam o futebol: num fazer literário que estetiza o universo futebolístico, tornando-o poético

É imprescindível salientarmos, tencionando evitar certas leituras ingênuas, que, embora tenhamos consciência do vigoroso apreço que Chico tem pelo futebol e da relevância do esporte em sua vida, não coadunamos a persona fictícia do eu lírico à figura do poeta, ou seja, não a apreendemos como uma só. Somos cômicos de que o “poeta lírico diz quase sempre ‘eu’. Mas o emprega diferentemente de um autor de autobiografia” (STAIGER, 1975, p. 53). Discernimos o eu lírico como uma entidade fictícia imbuída de sua própria idiossincrasia, emoções e sentimentos que o distanciam da mundividência do poeta. Trata-se, então, de outra persona (já ficcional), de densidade psicológica independente. Decerto confluências podem ocorrer, como veremos em uma das canções analisadas; porém, ainda assim, incorreríamos em uma análise poética temerária se fôssemos, por exemplo, identificar no eu lírico buarquiano o eco da própria personalidade e subjetividade de Chico Buarque. O fato de a temática atinente ao universo futebolístico sempre assomar na tessitura textual das canções buarquianas apresenta-se como um reflexo do gosto do poeta reverberando em suas criações, não o suficiente, claro, a ponto de vermos no eu lírico buarquiano a própria figura do Chico Buarque. Neste ponto, estamos em convergência com a perspectiva nietzschiana: “eu sou uma coisa; outra é minha obra” (NIETZSCHE, 2017, p. 55).

Ao aviarmos uma pesquisa minuciosa do cancionário buarquiano, encontramos 17 músicas em que o futebol irrompe nas letras. Contudo, como nosso espaço é exíguo e urge a premência de uma exposição pragmática e peremptória, concentrar-nos-emos precisamente em três canções, sobretudo porque, nelas, o futebol insurge como um eixo temático fulcral na estrutura da canção e apresenta perspectivas distintas do eu lírico buarquiano sobre o futebol: ora como torcedor, ora como jogador, ora como atleta maduro que lança um olhar saudosista ao ‘jogo de bola’. Nas outras canções o tema futebol não está destituído de relevância, em todas elas o esporte recebe a deferência que lhe é necessária dentro do contexto da música. Todavia, neste caso, ele avulta como elemento secundário: ora é citado, ora mencionado ou aludido. De todo modo, seja como referência a um clube de futebol, a um lance característico ao esporte ou ao ato em si de praticá-lo, a expressão lírica ensejada pela estrutura da canção não o trabalha como força motriz da construção poética. Não obstante a barafunda de nomes, arrolamos as canções em que o futebol se faz presente no cancionário buarquiano: *Meu refrão* (1965), *Com açúcar e com afeto* (1966), *Bom tempo* (1968), *Deus*

Ibe pague (1971), *Partido alto* (1972), *Jorge Maravilha* (1974), *Meu caro amigo* (1976), *Doze anos* (1977), *Tango do covil* (1977), *Até o fim* (1978), *E se* (1980), *Biscate* (1993), *Sem você nº 2* (2011) e *Barafunda* (2011). Já as construções poéticas *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro, ou receita pra virar casaca de neném* (1969), *O futebol* (1989) e *Jogo de Bola* (2017) estetizam poeticamente o futebol como elemento primacial na estrutura das canções. Pela centralidade inconcussa do futebol observável nas músicas supracitadas, serão elas nosso esteio poético para aventar e corroborar a poética do futebol em Chico Buarque. Encetemos por *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro* que, por ser de breve extensão, permite-nos analisá-la em sua integridade poética.

Lançada em 1969, *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro* reifica precisamente aquelas eventuais convergências que podem ocorrer entre o poeta e o eu lírico: um movimento de interseção marcado pelos fatos autobiográficos em comum que se faz observável na tessitura textual da poesia/canção. Ciro Monteiro (1913-1973) foi um cantor e compositor de música popular que se tornou conhecido ao cantar batucando uma caixa de fósforo, dando um tom mais informal e um ritmo mais leve e jocoso às músicas. Ao encontrar Chico Buarque no teatro onde fazia um show, Ciro revelou a Chico que adoraria gravar um samba de sua autoria. A oportunidade surgiu quando Silvia, a primeira filha de Chico, nasceu. “Ciro, flamenguista roxo, seguindo seu velho hábito, presenteou a recém-nascida com uma camisa de seu time” (HOMEM, 2009, p. 80). Chico, torcedor inveterado do Fluminense, compôs o bem-humorado samba *Ilmo. Sr. Monteiro* como forma de agradecer o ‘presente’ dado e também para realizar a vontade que Ciro possuía de gravar um samba criado por Chico.

Na primeira canção buarquiana em que o futebol pode ser considerado central em sua estrutura, vislumbramos um eu lírico que nos apresenta uma perspectiva comum aos torcedores de futebol —mormente os mais engajados e fanáticos: a música ilustra, num tom burlesco, esse perfil de torcedor. *Ilmo. Sr. Ciro Monteiro* pode ser seccionado em ao menos três partes, formando três blocos bem definidos que explicitam as posturas tomadas pelo eu lírico diante do presente recebido, uma camisa do Flamengo. Logo nos primeiros versos, caracterizando o primeiro bloco da canção, notamos que o eu poético avia uma breve exaltação a Ciro, num tom laudatório, e agradece o regalo:

Amigo Ciro

Muito te admiro

O meu chapéu te tiro

Muito humildemente
Minha petiz
Agradece a camisa
Que lhe deste à guisa
De gentil presente⁷

Os seguintes versos da mesma estrofe já externam uma mudança de perspectiva do eu lírico que se desloca do encômio à negação do presente e a constatação arguta de que, embora separados pelas arquibancadas, ambos se aproximam no que concerne ao sofrimento engendrado pelos seus respectivos times.

Mas caro nego
Um pano rubro-negro
É presente de grego
Não de um bom irmão
Nós separados
Nas arquibancadas
Temos sido tão chegados
Na desolação

O último bloco da canção relata uma sagaz anedota envolvendo as cores que caracterizam Flamengo e Fluminense. Sempre mantendo um ritmo e um tom jucundos, o eu lírico transforma o vermelho e preto flamenguista no ternário de cores associados ao Fluminense e, num finório artifício relacionado às posições horizontal e vertical das listras que estampam as camisas dos clubes, converte a camisa rubro-negra numa camisa tricolor, frisando a ideia de que, apesar da tentativa de Ciro, a *petiz* da canção será Fluminense:

⁷ Todas as canções aqui citadas ou referenciadas foram extraídas das obras *Chico Buarque: tantas palavras*, de Humberto Werneck, e de *Histórias das canções: Chico Buarque*, de Wagner Homem, cujas referências serão concedidas no fim deste artigo.

Amigo velho
Amei o teu conselho
Amei o teu vermelho
Que é de tanto ardor
Mas quis o verde
Que te quero verde
É bom pra quem vai ter
De ser bom sofredor
Pintei de branco o teu preto
Ficando completo
O jogo da cor
Virei-lhe o listrado do peito
E nasceu desse jeito
Uma outra tricolor

A segunda canção que selecionamos intitula-se *O futebol*, lançada em 1989. Essa construção poética pode ser depreendida ou interpretada como uma lídima e apaixonada ode ao esporte citado e, até 2017, representava inquestionavelmente o paroxismo das canções sobre futebol no cancionário buarquiano; porém, teve de dividir seu posto com a nupérrima, saudosista e igualmente encomiástica *Jogo de bola*. Sendo um panegírico deliberado ao esporte, a canção *O futebol* principia sua letra já realizando um louvor ao Pelé, considerado o maior jogador do século XX: “Para estufar esse filó/ Como eu sonhei/Só se eu fosse o Rei”. Um aspecto peculiar dessa canção são as alusões criadas entre o futebol e a arte, ora a do compositor, ora arte do pintor, imputando ao futebol, ou ao menos sugerindo, o patamar de arte, assim como as citadas. O futebol, então, é cantado pelo eu lírico como equiparável ao mister do cantor e do compositor, inserindo-o no nicho das artes:

Para tirar efeito igual
Ao jogador
Qual
Compositor

Para aplicar uma firula exata
Que pintor
Para emplacar em que pinacoteca, nega
Pintura mais fundamental
Que um chute a gol
Com precisão
De flecha e folha seca

Chico Buarque sempre foi reconhecido pelo seu preciosismo verbal, pelo rebuscamento de suas composições musicais, pela simbiose entre melodia, letra e conteúdo de suas canções e, sobretudo, pelo labor formal e meticuloso manifesto em suas letras e composições. Isso também é notoriamente perceptível em *O futebol*. Melodia, ritmo e letra se coadunam harmonicamente ao universo do futebol e, em algumas passagens, a estrutura dos versos e das palavras, associadas as elipses observáveis, dão-nos a sensação desconcertante do drible de um jogador, como se a música e o ritmo perfizessem o mesmo movimento oscilante e vertiginoso, a ginga, do drible no futebol. O trecho a seguir assevera nossa perspectiva:

Parafusar algum João
Na lateral
Não
Quando é fatal
Para avisar a finta enfim
Quando não é
Sim
No contrapé

Por fim, *O futebol* é uma composição poética de louvor ao futebol, cantada por um eu lírico que transcende o ônus do artista e se revela como jogador, ainda que um diletante, alguém fissurado por futebol. Ressaltamos que, “depois de terminada a letra, Chico fez uma dedicatória que acabou virando uma tabelinha no final da canção. Ele só lamenta ter deixado de fora, por questão de

métrica, o atacante Zizinho” (HOMEM, 2009, p. 262). A dedicatória mencionada encerra a canção e simula, em mais uma simbiose entre ritmo e letra, a narração de um jogo de futebol estrelado pelos ídolos do eu lírico: “Para Mané para Didi para Mané/ Mané para Didi para Mané para Didi/ Para Pagão para Pelé e Canhoteiro.

A terceira e derradeira canção que selecionamos é uma das composições mais recentes de Chico Buarque: *Jogo de bola* foi lançada em 2017, como uma das faixas do álbum *Caravanas*. *Caravanas*, aliás, se notabilizou por revelar a faceta mais madura e refinada de um artista que, já tendo alcançado 50 anos de uma carreira polivalente, heterogênea e de sucesso, consegue manter suas criações artísticas sempre criticamente atualizadas, renovando seu fazer artístico consoante as mudanças sociais e históricas. Após as perspectivas líricas que externam o espírito e a visão do torcedor e do próprio atleta, em *Jogo de bola*, o eu lírico buarquiano assume uma postura distinta das já expostas: agora o eu lírico lança um olhar nostálgico e saudosista ao futebol, não que tenha abdicado à prática do esporte; ele ainda o joga, “mesmo quando já passou da hora”, como assinala um dos versos da canção. Em *Jogo de bola*, as analogias a outros estratos artísticos cedem lugar a comparações mais sentimentais, como frustrações amorosas ou rejeições, a figura da mulher assoma à guisa de exemplo para explicar o estado anímico do eu lírico e a sua percepção sobre o futebol.

A linguagem do universo futebolístico manifesta-se com frequência na tessitura poética da música, e o eu lírico lança mão dela em variados momentos, como observável no limiar da canção: “Há que levar um drible/ Por entre as pernas sem perder a linha/ No jogo de bola”. Essa canção buarquiana, se analisada com esmero, permitirá-nos coligir que ela também executa uma ode ao futebol, tal como a canção *O futebol*, porém, neste caso, estamos diante de uma composição poética mais lírica, mais centrada na noção de recordação e saudade. Versos como “Salve o futebol, salve a filosofia/ De botequim, salve o jogar bonito” nos infundem essa ideia de que há um tom laudatório ao futebol na canção do Chico. Todavia, o movimento encomiástico ao esporte e a aura de nostalgia e saudade, perceptíveis na disposição anímica do eu lírico, atingem seu zênite na estrofe final da canção:

Vivas a galera, vivas às marias-chuteiras

Cujos corações incandescias

Outrora, quando em priscas eras

Um puskás eras
A fera das feras da esfera, mas agora
Há que aplaudir o toque
O tique-taque, o pique, o breque, o lance
De craque do centroavante
E ver rolar a pelota nos pés de um moleque
É ver o próprio tempo num relance
E sorrir por dentro

Nessa estrofe, é possível apontar dois movimentos distintos: inicialmente, o eu lírico recorre ao louvor deliberado à torcida e às ‘marias-chuteiras’ e, em uma aliteração refinada formada pelo adjetivo *priskas* e o substantivo próprio *Puskás*, consoma uma comparação de seu outrora talento e performance como jogador com o húngaro Ferenc Puskás, um dos grandes jogadores de futebol de todos os tempos, considerando a si mesmo como a fera das feras da esfera, recorrendo a outro artifício verbal, um trocadilho arguto e em que ressoa também o efeito de aliteração. No segundo movimento observado na estrofe derradeira, retorna o sentimento da recordação e da saudade, enfaticamente marcado pela adversativa que situa o tempo presente, no caso, ‘mas agora’: neste momento, o eu lírico aplaude o craque, o jogador e encerra a canção com os últimos três versos que, em sua natureza poética e lírica, transbordam ternura e saudosismo ao enxergar a si mesmo, seu próprio tempo como jogador, na criança que brinca e corre atrás da bola.

Encerrando nosso percurso poético e futebolístico com essas três canções que exprimem perspectivas distintas sobre futebol— enquanto torcedor, jogador e aquele atinente ao atleta madura que vive de suas reminiscências—, acreditamos que, levando em consideração não somente as três canções que foram expostas, mas todas as composições musicais em que há uma recorrência do tema futebol, seja perfeitamente congruente pensar em uma poética do futebol no nímio cancionero buarquiano. Entre tantas poéticas possíveis que podem ser aventadas consoante a heterogeneidade e a riqueza das canções de Chico Buarque, a que concerne ao futebol não poderia ser olvidada, visto que, como vimos no limiar desse texto, o futebol sempre teve uma influência pujante na vida de Chico desde a sua infância. Aferir uma poética do futebol significa reconhecer certa organicidade em um conjunto específico de canções que, em sua estrutura, aborda o universo do futebol, algo como uma ramificação entre tantos eixos temáticos existentes no cancionero de

Chico Buarque. Assim, para aqueles que demonstram interesse em futebol, música e Chico Buarque, sejam pesquisadores, sejam fãs inveterados e diletantes, não os desagradará saber que uma poética do futebol buarquiana existe e que suas canções, além de toda aquela qualidade e destreza formais típicas das composições do Chico, representam, fidedignas, o universo futebolístico.

Referências

DELMASCHIO, Andréia. **A máquina de escrita (de) Chico Buarque**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

DOS SANTOS, Joaquim Ferreira. **Revela-te, Chico**: uma fotobiografia. — Rio de Janeiro: Bem-te-vi Produções Literárias Ltda, 2018

HOMEM, Wagner. **Histórias das canções**: Chico Buarque. — São Paulo: Leya, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce Homo**: como cheguei a ser o que sou. — Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

PERES, Ana Maria Clark. **Chico Buarque**: recortes e passagens. — Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016.

STAIGER, Emil. **Conceitos fundamentais da poética**. — Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

WERNECK, Humberto. **Chico Buarque**: tantas palavras. — Companhia das Letras: São Paulo, 2006.

ZAPPA, Regina. **Chico Buarque**: para todos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

ZAPPA, Regina. **Para seguir minha jornada**: Chico Buarque. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

Referência audiovisual

CHICO BUARQUE: o futebol. Direção de Roberto de Oliveira. Rio de Janeiro: EMI Pictures, 2005, DVD.

Recebido em 09/07/2019.

Acceto em 15/12/2019.